

IASAÚDE quer 'Exames sem Papel'

Rita Andrade, presidente do Conselho Directivo

ANA LUÍSA CORREIA
acorreia@dnoticias.pt

Em Outubro de 2019, o Presidente do Governo Regional anunciou que Rita Andrade, até então secretária da Inclusão, seria a futura presidente do IASAÚDE - Instituto de Administração da Saúde, retirando ao mesmo as competências ao nível da Autoridade de Saúde que têm de ser assumidas por um médico. Uma mudança legislativa e mais de um ano depois, Rita Andrade assume a liderança do IASAÚDE. Em entrevista ao DIÁRIO fala sobre este ano que passou e do trabalho de bastidores que desenvolveu, do relacionamento com entidades nacionais como os Serviços Partilhados do Ministério da Saúde (SPMS) e a Administração Central do Sistema de Saúde (ACSS) e das preocupações relativamente à ADSE. Revela ainda duas das prioridades do Plano Estratégico criado para os próximos anos de mandato e diz que em 2021 quer acabar com a prescrição em papel dos exames complementares de diagnóstico e terapêutico e que é fundamental avançar com a revisão do financiamento em saúde.

O anúncio da sua vinda para o IASAÚDE foi feito pelo Presidente do Governo logo após as eleições, em 2019, e, en-

tretanto, passou-se um ano até que a sua nomeação foi formalizada... Não foi um ano parado. Quem olha de fora, pode tirar essa conclusão, mas é uma conclusão errada. Nós começamos a trabalhar desde o primeiro dia, desde 15 de Novembro de 2019. Estivemos sempre a trabalhar, um período que acabou por ser muito útil porque aconteceu num ano que, julgo, vai marcar as nossas vidas. Acabámos por conseguir realizar um conjunto de trabalhos e um levantamento interno da organização e fazer um plano para o futuro relativamente ao IASAÚDE - Instituto de Administração e Gestão da Saúde, naturalmente seguindo as orientações da nossa tutela e alinhado com o Programa de Governo. É verdade que foi muito tempo, também é verdade que houve tantas outras

“SINTO QUE VAMOS TER UM FOCO NOS PROCESSOS DE ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO DA SAÚDE”

prioridades e, considerando que nós estávamos a trabalhar, não se deixou de fazer o que se tinha de fazer. Vamos este tempo não como um tempo perdido, mas como um tempo ganho num forte investimento no conhecimento da organização. Daí estarmos em condições de, em apenas uma semana, termos apresentado um plano estratégico ao senhor secretário, de já termos feito reuniões internas com todos os colaboradores do IASAÚDE para apresentar e explicar esse plano estratégico, a nova equipa... Portanto, este período que seria de iniciação, está completamente ultrapassado. Estamos em funções em pleno e com três anos pela frente.

Enfrentou críticas que referiam que esta era uma reestruturação feita à medida da sua nomeação, embora no anterior Programa de Governo já se previa a divisão entre IASAÚDE e Saúde Pública... Enfrentei isto com muita naturalidade. Sabe que as pessoas, por natureza, não gostam de dizer bem e deviam dizer bem porque felizmente em relação à saúde é o que se tem dizer sobre a nossa Região...

Tive a honra de ter o convite do senhor Presidente do Governo para ir para a frente do IASAÚDE, e não sendo médica, porque de facto



a saúde pública é para a saúde pública e a actividade a este nível tem um papel que, hoje em dia, é inquestionável. Se dúvidas havia, foi uma confirmação muito grande da necessidade de haver uma autonomização dos serviços, para que haja um foco no terreno e de defesa de todos nós ao nível da saúde e depois, não deixando para trás toda a parte da gestão dos nossos utentes, dos reembolsos, dos nossos orçamentos, pela boa gestão dos dinheiros públicos, pela transparência. Porque não existia esta divisão, de certo modo e durante uns anos, não trabalhamos nestas duas áreas ao mesmo tempo. E sinto que neste momento vamos ter um foco nos processos de administração e gestão da Saúde e vamos trabalhar de acordo com os paradigmas e com os desafios do século XXI. Temos um manancial enorme de oportunidades! Mas quanto à sua questão, na verdade, as pessoas gostam de se focar no que é menos positivo...

E prefere focar-se no positivo? Com certeza! E vamos dar provas... nem havia que responder a nada do que foi dito. O senhor Presidente sabia muito bem, quando fez o anúncio, que estava prevista esta divisão. Se calhar não estava a par do momento em que estavam os processos e se calhar não percebeu logo que ainda tínhamos de percorrer algumas questões legislativas, já que se tratava da alteração de uma orgânica que implicava a alteração de um decreto legislativo regional. Mas assumo o cargo com toda a tranquilidade. O trabalho que fizemos foi um trabalho que faria toda outra vez, foi feito com muita paixão e neste momento o estado de espírito é esse... Temos aqui um capital humano que tem de ser mais aproveitado. Temos aqui um conjunto de oportunidades em termos de tecnologias de informação, que temos de capitalizar a nosso favor. Estou muito expectante sobre o que vai ser o próximo ano, os próximos dois e três anos, porque temos um conjunto de objectivos traçados. E lá seremos avaliados e julgo que então as pessoas compreenderão que às vezes as coisas não correm como nós desejaríamos. Se

calhar todos tínhamos preferido que o processo tivesse sido conduzido de forma diferente, mas aconteceu desta maneira e vamos lidar com isso de forma positiva.

A área da gestão e da administração não é propriamente nova para si, mas a Saúde, sim... Repare, que saúde é que estamos a falar? De acordo com a orgânica, o IASAÚDE tem competências na área da gestão dos recursos humanos, gestão da formação intersectorial... são áreas em que estou completamente à vontade e com as quais tenho especial gosto em trabalhar. Na área das tecnologias de informação, também, desde sempre me senti sempre muito confortável... Na verdade tudo muda no IASAÚDE, não em termos da missão e competências, mas na forma de gerir os recursos humanos, financeiros, tecnológicos, que até agora, pelo facto de estarem concentrados numa única entidade que não se conseguia especializar em nenhuma delas, acabava por deixar para trás algumas áreas. Portanto, temos aqui um conjunto de oportunidades e desafios muito interessante.

E esta é uma área muito desafiante, além de ser complexa e de envolver muita gente e uma grande fatia dos orçamentos regionais? E nem lhe digo o que foi este ano, precisamente por causa do acréscimo que houve a esse nível, e que acaba por sair da Saúde por causa da COVID-19. Tudo o que foram aquisições e contratação pública, entrou tudo através do IASAÚDE. As máscaras, os laboratórios... É claro que há orientações superiores, mas toda a parte da contratação e operacionalização até ao pagamento, são processos que passam por aqui. Portanto, não estivemos parados. Trabalhamos muito e vamos continuar a trabalhar, e o que sinto é que realmente houve uma capacidade de dar resposta em tempo real às necessidades completamente novas que o IASAÚDE nunca tinha passado. Refiro-me concretamente à contratação de hotéis, à montagem da operação no aeroporto, à realização dos testes... Há de facto aqui, um grande trabalho em termos de Orçamento, e sempre houve: o IASAÚDE sempre tratou destes processos, dos pagamentos às

farmácias, dos reembolsos, do contrato-programa com o SESARAM... Daí que tenhamos como prioridade que através das tecnologias de informação e não com base em ficheiros e em papel, possamos pôr os processos a comunicar automaticamente sem intervenção humana, mas que depois o 'report' seja analisado e nos ajude à tomada de decisão em nome da boa utilização dos dinheiros públicos, da transparência, da rapidez e da eficiência. Temos um longo caminho a percorrer, mas neste momento conseguimos ter este foco e podemos implementar um processo de mudança muito interessante e necessário na Região.

É esse o principal objectivo? É sim, o da eficiência, da transparência, do rigor e tudo isso será reflectido em algo que é fundamental para nós trabalharmos e que é o nosso utente. Gostava de poder dizer que amanhã, quem sabe, vamos ter um sistema de reembolsos em que a pessoa não precisa de se deslocar aos serviços e pode usar as tecnologias de informação... E para as pessoas menos jovens, temos de encontrar, a cada momento a melhor solução para que o processo de pedido de reembolso e a vinda ao IASAÚDE seja cada vez menos 'penalizante'... E a verdade que a COVID-19 acabou por criar uma oportunidade através do sistema de marcações que evitou as filas à porta do serviço e temos tido muitos elogios com os agendamentos. Por isso, queremos encontrar as oportunidades e tentar fazer melhor do que se fazia. Se isso for conseguido, atingimos plenamente o nosso objectivo.

Entre as dificuldades todas que têm surgido neste ano, quais as oportunidades que o IASAÚDE encontra a curto e médio prazo? Falei-lhe da existência de um plano estratégico que foi apresentado superiormente ao senhor secretário, que se chama PEECOS: Plano Estratégico para a Eficiência e Controlo Orçamental. Está assente em 6 eixos estratégicos e é um documento que foi entregue e esta bem detalhado naquelas que são as acções previstas. Gostaria de levantar o véu a duas delas, nas quais já estamos a trabalhar, concretamente e em primeiro lugar os 'Exames sem Papel'...

À semelhança do que já acontece com a prescrição electrónica de medicamentos? Exactamente. Neste momento são só os medicamentos e depois uma pessoa tem de fazer um exame, seja uma ecografia, análises de sangue ou uma ressonância magnética... e voltamos ao mundo do papel. O problema é que quando vem para o IASAÚDE para o custo ser reembolsado, temos um sistema de conferência que é feito à mão, com os erros que podem acontecer e os atrasos devido ao enorme volume mensal de exames e de reembolsos. Queremos já no próximo ano implementar os exames sem papel para todos os meios complementares de diagnóstico e terapêutica, não só para nos libertarmos do papel, mas



Rita Andrade foi oficialmente nomeada no passado dia 19 de Novembro. FOTOS RUI SILVA/ASPRESS

sobretudo para termos ganhos de eficiência e de rigor, com o médico a prescrever o exame e este ficando no sistema disponível para o prestador, e o utente não tem de andar com papel. Com a informação no sistema, haverá menos repetições de exames, e depois, para os processos de conferência e reembolsos para os utentes, a informação está centralizada. Portanto é um passo gigante relativamente a todos os exames que diariamente processamos e cujo volume em papel é inimaginável. Além disso vamos ter um controlo diferente e vamos trabalhar com outro rigor. Isto é bom para todas partes e é um salto qualitativo que tem uma base tecnológica. A SPMS já está num nível mais avançado de evolução deste programa que tem um software pesadíssimo e muito complexo e numa grande parte poderemos buscar essa tecnologia com base numa parceria, como já aconteceu com a PEM. É claro que depois temos especificidades regionais mas podemos beneficiar do trabalho que está já a ser desenvolvido e nós já estamos a trabalhar com a SPMS que também tem uma nova equipa com quem nós já reunimos virtualmente.

Dizia que ia levantar o véu sobre dois dos eixos estratégicos do PEECOS... Além dos exames sem papel, o outro é a revisão do financiamento em saúde. Temos de repensar tudo. Se eu disser que há 10 ou 20 anos não são revistos os acordos de facturação



TEM DE SER FEITO UM TRABALHO DE A A Z (...) E QUE É A REVISÃO DO FINANCIAMENTO EM SAÚDE

PREOCUPA-NOS MUITO O RELACIONAMENTO INSTITUCIONAL COM A ADSE

com os prestadores, que há alguma injustiça relativa em que utiliza um sistema de saúde e vai a uma consulta ao hospital e depois lhe é prescrito um exame que tem de ser feito fora do público o qual a pessoa tem de pagar... isso é injusto. Nós pretendemos que se vem do público, tem de ser gratuito. Temos de rever as conven-

ções, temos de rever os acordos, tem de ser feito um trabalho de A a Z que neste momento ainda não foi feito e que é a revisão do financiamento em saúde. Vamos alterar alguns paradigmas, algumas regras, vamos alinhar algumas áreas com o Sistema Nacional de Saúde e outras nem por isso, porque, sem dúvida, o nosso Sistema Regional em grandes áreas beneficia mais os utentes. Mas há áreas em que podemos criar outro tipo de sinergias e de aprendizagens. É analisar com rigor e muita preocupação estes processos, em que o nosso maior foco é o utente.

O facto de existir uma renovada convenção, também ajudará a esta revisão do financiamento em saúde? Sim, vai estar tudo alinhado. A partir de 1 de Janeiro, os apoios e os reembolsos, o IASAÚDE só vai efectuar com base na medicina convencional, ou seja, só a médicos que adiram à convenção. Ao longo deste mês de Dezembro está prevista uma campanha de informação e sensibilização sobre as novas regras... e tudo isto vai estar alinhado, sem dúvida, com a revisão do financiamento em saúde.

Há pouco disse que já tinha reunido virtualmente com a SPMS. O IASAÚDE tem aqui na Madeira responsabilidades ao nível do que é a ACSS em Portugal. Têm sido criadas sinergias com esta entidade? Sim, o relacionamento já existia e era um excelente relacionamento. Neste momento, há uma

equipa nova na SPMS com quem já estamos a trabalhar. Relativamente à ACSS, sempre que foi necessário, nomeadamente em questões do internato médico e outras em que por vezes precisamos de orientação, houve essa colaboração. Mas nós fomos nomeados há uma semana e por isso ainda não houve um contacto formal com a ACSS. Eu própria estou a preparar uma comunicação escrita para apresentar a equipa, falar um pouco do nosso relacionamento e sobre o que nós desejaríamos para o futuro e, logo que possível, procuraremos reunir.

E como está o relacionamento com a ADSE? Temos na Região 38 mil beneficiários da ADSE e preocupa-nos muito o relacionamento institucional com a ADSE, porque o IASAÚDE é a porta de entrada para estes utentes e muitas vezes não conseguimos dar resposta, prestar o bom serviço que gostaríamos de dar, simplesmente porque não temos a informação na rectaguarda que precisávamos de ter. Se um utente vem aqui para saber quando é que vai receber o pagamento de um tratamento e nós não temos uma linha ou email que nos dê resposta, prestamos um mau serviço por razões que não nos são imputáveis. Esta é uma área que nos preocupa e que queremos melhorar também. Mas sei que a ADSE tem uma nova equipa dirigente e uma nova presidente. Ainda não tive oportunidade de fazer qualquer comunicação escrita ou verbal para esta presidente, mas farei muí-

to brevemente e estou certa de que há uma série de áreas que poderemos melhorar. Sei que representamos 2,5% para a ADSE, mas somos muitos e, das duas uma, ou realmente nos dão condições para podermos trabalhar ou então não sei que condições há para continuar a fazer o que fazemos. Julgo que no interesse da ADSE e dos nossos utentes, certamente, vamos encontrar soluções para melhorar esta comunicação.

Em breve será discutido o Orçamento Regional para 2021. Depois de um ano atípico e com muita ginástica orçamental, o próximo ano estará acautelado a esse nível? Há um orçamento COVID. Esperamos executá-lo o menos tempo possível, mas naturalmente, na medida do que se passa, até porque temos uma vacina a caminho mas não sabemos timings... Há orçamento para as despesas que estão a acontecer e outras que estão previstas para o próximo anos. E depois temos um orçamento dito normal que visa, por exemplo, tudo aquilo que referi em termos de tecnologia de informação e que requer algum investimento. Tenho esperança de que cheguemos a meio do próximo ano e estejamos a trabalhar de maneira diferente, com a situação mais controlada e que possamos fazer alguns investimentos em torno do nosso projecto. Gostávamos muito de ir a uma velocidade, de ir a 120 km/h, mas se só pudermos ir a 60, então vamos a 60. O importante é estarmos a andar e no caminho certo.